

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
18 de fevereiro de 2025

EL PRIMER AÑO / LA PREMIÈRE ANNÉE / 1972

*Um filme de Patricio Guzmán*

*Realização e Argumento:* Patricio Guzmán / *Produção:* Mária Teresa Guzmán e Escuela de Artes de la Comunicación de la Universidad Católica de Chile / *Direção de Fotografia:* Toño Rios / *Montagem:* Carlos Piaggio / *Remontagem, Prólogo e Dobragem em francês:* Chris Marker / *Produção Associada:* Chris Marker, Anatole Dauman / *Gestão de Produção:* Felipe Orrego / *Som:* María Eugenia Rodríguez / *Apoio à Realização:* Orlando Lübbert, Paloma Guzmán / *Narrações (Versão Francesa):* François Périer, Delphine Seyrig, Youcef Tatem, Françoise Arnoul, Georges Rouquier, Valérie Mayoux, Pol Cèbe, Georges Kiejman, Léo Matarasso, Bernard Paul, Alain Corneau, Edouard Luntz, Florence Delay, Isidro Romero, Anatole Dauman / *Cópia:* 16 mm, preto e branco, falado em castelhano e em francês, com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 82 minutos / *Estreia Mundial:* 31 de julho de 1972, Chile / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Sessão com apresentação.

\*\*\*

Importará começar por verificar como é que uma obra, no seu conjunto, tão investida nos temas da memória e da história começa deste modo, quer dizer, tão absolutamente sequestrada pelo “aqui e agora” da situação de um país geograficamente rico, cultural e socialmente cindido, e pelo sonho de um líder providencial a que se presta culto: o médico Salvador Allende. Será uma verificação – ou uma figura de espanto – que, à primeira vista, poderá fazer algum sentido face a obras de cariz mais ensaístico e “multitemporal” com a assinatura de Patricio Guzmán, tais como **Nostalgia de la luz** (2010), **El botón de nácar** (2015) e **La cordillère des songes** (2019) (sobre este ponto, leia-se «El tiempo histórico en el cine documental de Patricio Guzmán», ensaio de Ignacio del Valle Dávila publicado no livro *Memórias em Movimento: História e Trauma nos Cinemas Ibero-Americanos*, coordenado por Iván Villarrea Álvarez, Silvana Mariani, Júlia Vilhena, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, lançada em novembro de 2023). Todavia, não é menos justo dizer que a sua primeira longa-metragem, **El primer año**, já se encontra infetada por duas ideias-força: a de um presente condenado e, porventura por causa disso, a de um arquivo cinematográfico. O final algo abrupto e pouco esperançoso de **El primer año**, obra profundamente engajada e comprometida com a promessa de um país (enfim) liberto da má influência do grande capital mas à mercê dos interesses de uma burguesia acomodada, é revelador de uma proposta de cinema em que mesmo a militância mais acesa se deixa impregnar pela ideia de fim ou por uma assaz pressentida “tragédia histórica”: a morte do “médico salvador” que se propunha alcançar o socialismo por via da democracia – foi Che Guevara quem o prognosticou, tendo redigido a seguinte dedicatória num livro seu encontrado na secretária do governante chileno: “Para Salvador Allende, que tenta alcançar o mesmo por outros meios”.

Portanto, apesar do ímpeto de filme *agit-prop*, **El primer año** sabe mais a “antepenúltimo ano”, do que a um “aqui e agora” reportado a partir da fervilhante cena política chilena; é, deste modo, como um “isto-foi” de um projeto político de esquerda, realizado “por outros meios” e que durou míseros três anos (ou nem isso). Como escreveu Michael Atkinson («Patricio Guzmán’s guerrilla

epic ‘The Battle of Chile’ charts the violent ascendance of middleclass fascism»), para o *The Village Voice*, em 5 de setembro de 2023, num artigo que celebra o relançamento de **El primer año** e **La batalla de Chile** (1975-1979) numa versão restaurada (disponível numa edição Blu-ray com a chancela Icarus Films), esta primeira longa-metragem de um jovem de 29 anos, com apenas algumas curtas em seu nome, “é um golpe certeiro na campanha cinematográfica ativista de Guzmán, mas hoje arde em raiva e luto retrospectivos – sabemos o que se avizinha e sabemos-lo pois Guzmán dedicou a sua longa carreira a contar ao mundo desde aí”. Mesmo assim, ao dia de hoje ainda nela é possível vislumbrar uma qualquer possibilidade de mudança, qual rasgo de audácia exemplificado pelo triunfo eleitoral da Unidade Popular, uma coligação dos partidos de esquerda contra as forças de direita dependentes do grande capital e – é assim que Guzmán as descreve e as visa – agrilhoadas aos interesses norte-americanos. A chacina dos povos indígenas, as manifestações de contentamento dos agricultores e mineiros chilenos (muitos deles, de sangue indígena) face às reformas de Allende (vozes e rostos que podiam pertencer à galeria humanista do cinema de Paul Leduc), as contramanifestações de dondocas insatisfeitas com as novas políticas de esquerda (“máscaras” grotescas que podiam ter saído de um filme de William Klein), a alegada falta de abastecimento dos supermercados resultante do boicote económico levado a cabo por forças de bloqueio nacionais e internacionais (filmado com a ironia de um Jean-Luc Godard), a intriga de mentiras e o pé do elefante sobre a formiga denunciadas – e alegorizadas – no discurso de Fidel Castro... tudo isto concorre, num *foreshadowing* algo lancinante, no tecido da montagem de **El primer año**, finalizando – pelo menos nesta versão francesa – numa nota sombria sobre a evidente reação que as Forças Armadas já então cozinhavam. Mas a mera presença do líder – Guzmán faria um filme só sobre ele em 2004 (“Allende é uma personagem tão potente, tão imensa, que tinha de fazer todo um plano de rodagem”, contou em entrevista concedida a Silvana Mariani e a Iván Villarme Álvarez, e publicada no referido livro, *Memórias em Movimento: História e Trauma nos Cinemas Ibero-Americanos*) – sinaliza a possibilidade de um futuro para o país que o realizador haveria de abandonar após o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, encabeçado pelo general Pinochet e que contou com o apoio da CIA. Desde aí que Guzmán habita a memória de um país, em face dos sonhos e tesouros que, aqui e ali, multitemporalmente luziram na sua direção. Com efeito, vigora uma dimensão mnésica, investigativa e arqueológica – e, enfim, melancólica – no cinema do chileno a partir do momento em que Pinochet amarrou o Chile a uma ditadura sanguinolenta durante 17 anos.

Referindo-se a **El primer año** e ao monumental **La batalla de Chile** que se lhe seguiu, obra em três partes sobre o esboroar do sonho socialista e a (contra-)insurreição burguesa, Guzmán assegurou na entrevista publicada no livro supracitado que o “propósito era o de filmar o que se estava a passar, quer dizer, a revolução social de Salvador Allende: isso era fantástico, um Chile em movimento, entusiasmante; [filmar] como o país inteiro mudava.” Conta Guzmán que veio de Espanha, onde então completava os estudos em cinema, para assistir, em primeira mão, ao movimento das ruas: “Toda a gente se movia, toda a gente desfilava”. A câmara de Toño Rios, auxiliada pelo microfone de María Eugenia Rodríguez, que procurou mapear sonoramente a revolução nas ruas, nos campos, nas minas e nas fábricas, tentou acompanhar o clima de transformação e de mudança: “Era esgotante: dormíamos pouco, levantávamo-nos no dia a seguir cedo e seguíamos; e isto durou um ano inteiro”, narrou Guzmán na mesma entrevista. Não se tratou somente de calcorrear e registar, à maneira de um pujante exemplar de *cinéma vérité*, um país em ebulição e redefinição política e cultural (é inestimável o rol de testemunhos captados em direto após a aprovação parlamentar do grande processo de nacionalização económica), mas de encapsular um *momento ideológico* verdadeiramente esfuziante, mesmo que seja evidente – já o era então – quão difícil seria a sua defesa nas ruas e no campo de batalha mediático.

O impacto de **El primer año** foi significativo, sobretudo em França. A versão do filme que agora se projeta foi “adaptada” ao auditório europeu pela mão de Chris Marker, que apoiaria a produção de **La batalla de Chile** fornecendo película indispensável à sua rodagem, e garantiria a distribuição da primeira longa de Guzmán em França, com dobragem francesa a cargo de um conjunto de atores e altas personalidades do cinema, destacando-se, neste particular, a voz feminina da atriz e cineasta feminista Delphine Seyrig (**Jeanne Dielman** [1975]) e a voz masculina do documentarista francês Georges Rouquier (**Farrebique** [1946]). A contextualização inicial foi realizada pelo próprio Marker com o intuito de enquadrar a situação política vivida no Chile. Os olhos do mundo estavam postos naquilo que Allende poderia agitar ou pôr em movimento com a ajuda das “massas” populares. Mas, *hélas*, a “batalha *do e pelo* Chile” estava a anos-luz de um final feliz.

Luís Mendonça